

# **EU NÃO ENTENDO! UM TEXTO OMISSO E UMA INJUNÇÃO À INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA**

**MOTTA, Valéria Regina Ayres - UNICAMP  
(faria\_valeria@hotmail.com)**

## **RESUMO**

Do lugar simbólico de professora de língua inglesa em curso de Letras e pesquisadora do campo da linguagem, que se incomoda com determinadas questões e parte desse incômodo para tentar pensá-las teoricamente, embasada nas teorias da Análise de Discurso de linha francesa, pretendo refletir sobre a relação de sujeitos alunos de Letras com a leitura/interpretação de poema em língua inglesa. Para conduzir minhas reflexões, começo me apoiando nos seguintes dizeres de Orlandi (1997, p.31):

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico.

Debruço-me sobre questões colocadas no campo da leitura e parto de duas indagações, as quais denomino “as perguntas que me condenam a um trabalho de interpretação”: 1) A que efeitos de sentido estão expostos os alunos de Letras no que se refere a um gesto da leitura/interpretação de um poema em língua inglesa? 2) No movimento de leitura/interpretação de um poema em língua inglesa, há possibilidades se construírem sentidos que afetem esses sujeitos, alunos de Letras, que se encontram em um lugar de entremeio de língua materna e língua estrangeira?

Observamos que no movimento para se inscrever na língua outra, o sujeito parece se situar em um lugar bastante singular, que não é nem o da língua materna e nem tampouco o da língua alvo. Segundo a definição de Celada (2002, p. 173) em seus estudos sobre a aprendizagem de espanhol por alunos brasileiros, esse lugar é o do “entremeio”. Para esta autora (idem op. Cit.), neste lugar, “o espanhol e o português brasileiro se roçam, se atravessam, se perpassam, se entrelaçam, se separam, se distinguem”, o que explica, segundo a pesquisadora, “boa parte dos deslizos e vacilos aos quais o sujeito fica exposto”.

Faz-se necessário dizer que tais questões serão pensadas ao longo deste texto, não para que sejam encontradas respostas que possam esgotá-las, mas as tomo como um

fio condutor para tentar pensar o sujeito-aluno de Letras em sua relação imaginária e simbólica com a língua estrangeira (inglesa) e com a sua língua materna. Essa relação será pensada levando em conta um trabalho que envolve as memórias representada e constitutiva, postas em jogo em um contexto de produção de leitura/interpretação de poema em língua alvo.

Importante ressaltar que a primeira pergunta me instiga a pensar como a relação imaginária desse aluno aprendiz de língua estrangeira, no que toca à leitura e interpretação de um poema em língua alvo, pode interferir em sua relação simbólica no gesto de ler/interpretar um poema em inglês, isso em um âmbito mais estrito, mas também, mais amplamente, em sua relação simbólica com a língua inglesa. Trago essa questão com base nos estudos de Celada (2010), que nos mostra que os efeitos de identificação imaginária nos sujeitos de discurso podem interferir no processo de identificação simbólica.

A segunda pergunta seja, talvez, minha maior questão. Da posição de professora de inglês e pesquisadora do campo da linguagem, sinto-me instigada a compreender os caminhos pelos quais sujeitos de língua materna podem/devem percorrer para se inscreverem na *ordem de língua estrangeira* (CELADA, 2010).

Nos trabalhos de Payer (2005), encontro uma rota que me leva a considerar a memória do dizer desses alunos, constituída em língua materna em relação a um intenso trabalho com língua estrangeira, no sentido de pensar em experiências da/na língua alvo que proporcionem ao sujeito aprendiz um trabalho com a memória que vá além da representação, mas na direção de um efeito de memória que seja da ordem da constituição. Para dar continuidade a esse estudo, abro parênteses para trazer os conceitos de memória discursiva (PÊCHEUX, 2007) e algumas especificações e desdobramentos do conceito, pela distinção entre memória constitutiva e memória representada (PAYER, 2006).

Para compreender melhor essa questão, parto de Pêcheux (2007), que afirma que há no corpo da língua uma memória discursiva, que é histórica, e a língua é uma base material sobre a qual se produzem os processos discursivos. Para esse autor (1975), o sujeito é socialmente constituído e tem seus dizeres inscritos em uma ou várias formações discursivas. Essas formações são padrões de referências semânticas que *determinam o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares* (p.86). Pêcheux (2007) ainda fala da

memória discursiva como *estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização* (p.52).

Em se tratando do aprendizado de uma língua estrangeira, afirmamos que nos níveis iniciais deste processo, o sujeito não tem memória discursiva suficiente para se significar nessa língua. Nesse sentido, para que ele se signifique em língua estrangeira, ele passa por um processo de aprendizagem que nesse caso é raciocinada, racionalmente apresentada, e o que funciona então é um tipo de memória que é da ordem do que Payer (2006) denominou de *memória representada*, justamente porque as formas linguísticas são expostas como “saberes” para e pelo sujeito. Dito de outro modo, para que o sujeito se signifique de modo (a)efetivo nessa língua, há que se considerar, além do processo de formulação do discurso na língua alvo, também o processo de constituição, ou seja, a memória constitutiva que as estruturas da língua, enquanto língua vão nele produzir.

Ainda movidos pelo desejo de compreender a quais efeitos de sentido está exposto esse sujeito no que se refere ao gesto de leitura/interpretação de um poema em língua inglesa, consideramos os possíveis sentidos que envolvem o significante “entender” para esse sujeito e observamos as possibilidades decorrentes dessa experiência com língua outra, de se construírem sentidos que afetem esse sujeito, aluno de Letras, considerado por nós, também em concordância com outros autores, sujeito irreversivelmente marcado pela sua relação com a alteridade da língua outra.

Neste trabalho, pudemos observar, que desse lugar de *entremeio*, esse sujeito de discurso se deixa, de certo modo, ser capturado pelo novo discurso. Esse processo de captura só começa a ficar evidente depois de após comentários dos alunos que denotam certa resistência, como, “eu não entendo” ou “o dicionário não dá conta de Shakespeare”. Só então, com intervenções do professor no sentido de desconstruir uma imagem de tradução literal e de leitura e interpretação como um gesto que envolve “entender tudo ou nada”, que percebemos algumas expressões de contentamento, surpresa e ouvimos o comentário de alguém que se “arrepuiu”. Então observamos que novas cores e sabores começam a ser produzidas a partir dos efeitos do belo jogo de significantes e da poesia da nova língua-a-saber nesse sujeito.

Nessa aventura discursiva pela bela tela shakespeariana pintada com os traços do verbo, enxergamos a possibilidade de um trabalho com a memória desse sujeito que é constituída em língua materna, que permita que se abram caminhos para a produção de um tipo de memória que pode ser também da ordem da constituição, mas dessa vez em língua estrangeira. Desse modo, na tentativa de desenvolver um trabalho em aulas de

inglês que possa contribuir para elevar a memória representada que o sujeito aprendiz tem nessa língua, a um estatuto de memória constitutiva, afirmo que, no campo da leitura, o contato com textos/discursos poéticos, a arte, a literatura extrapola a experiência com a leitura dos textos apresentados em livros didáticos. Acredito que esses últimos sejam adaptados ao “suposto nível de conhecimento daqueles aprendizes”. São textos sem a beleza e a densidade de um texto literário. Isso me leva a considerar que as leituras literárias podem contribuir nesse processo para produção de um tipo de memória que também extrapola àquela que se possa produzir a partir do contato estrito com os textos adaptados.

*Palavras-chaves: Análise do Discurso. Língua Estrangeira. Língua Materna. Leitura/interpretação. Memória constitutiva /representada.*